

EMPRESAS • INDÚSTRIA

n Geopolítica, juros e salários preocupam indústria

O ano que já arrancou traz desafios significativos para a indústria nacional. Alguns desses riscos, enumerados pela Associação Industrial Portuguesa, são comuns ao setor como um todo. É o caso da guerra, da inflação ou das taxas de juro, enquanto riscos externos, ou da produtividade e custo do trabalho enquanto problemas domésticos - embora o último possa ter, em simultâneo, raízes globais. Mas também existem desafios elencados por atividades industriais específicas, como a metalurgia e metalomecânica, o papel, o têxtil, o agroalimentar, o calçado, a cortiça, a produção automóvel ou a saúde. Sendo certo que cada um tem os seus motivos específicos de preocupação, também é verdade que existem sentimentos partilhados: o papel do Estado, sobretudo no que diz respeito à carga fiscal, é um deles. Eis a fotografia - e sobretudo a perspetiva para este ano - da indústria nacional.



Hugo Neutel

28 de Fevereiro de 2024 às 23:30

O abrandamento da procura externa, os conflitos na Ucrânia e no Médio Oriente, a concorrência asiática, as taxas de juro, os custos salariais e a produtividade são os principais desafios que a indústria enfrenta para este ano.

O leque de preocupações é elencado pelo presidente da Associação Industrial Portuguesa (AIP), que em declarações ao Negócios começa por descrever o "estado da arte" e a evolução do setor secundário nacional. "A base industrial do país tem enfraquecido. O peso da indústria transformadora no produto interno bruto não ultrapassa 14%, e 25% no valor acrescentado bruto. O número de empresas industriais (68.501) no número total das sociedades comerciais é de 9,2%. A diferença da produtividade industrial também é alarmante: é cerca de um terço da francesa e pouco mais de metade da espanhola", alerta.

É uma evolução que, na opinião de José Eduardo Carvalho, "explica, em parte, o anémico crescimento em que temos vivido". "Um país com uma forte base industrial reforça a competitividade externa e o grau de internacionalização da economia, produz mais conhecimento e inovação e aumenta a competitividade salarial", defende.

E se essa "forte base industrial" não existe, o Estado não pode, na opinião do presidente da AIP, eximir-se de culpas. Sobretudo em dois vetores: "A carga fiscal sobre as empresas e o trabalho e a legislação laboral, adequando-a à revolução tecnológica", atira.

Para José Eduardo Carvalho o país vive numa situação de "evidente saturação fiscal provocada por um sistema que penaliza lucro, poupança e trabalho. Não temos conseguido obter redução de impostos sobre o rendimento das empresas, nem sequer a retenção dos resultados para reforço do balanço", lamenta, contabilizando "4.300 impostos e taxas, que convivem com 453 benefícios fiscais. É um absurdo", conclui, citando um estudo do antigo ministro da Economia Carlos Tavares, segundo o qual "se eliminassem os 120 benefícios fiscais em IRC atualmente existentes

poderíamos ter uma taxa única de IRS de 17% sem perda de receita fiscal".

O outro aspeto no qual a ação do Estado tem ficado, na ótica da AIP, aquém do desejado é o das leis laborais - aspeto que se torna ainda mais premente em tempos de digitalização. "O setor industrial passa por um acelerado processo de transformação. A introdução das tecnologias digitais no chão de fábrica tem fortes efeitos nos diversos níveis do sistema de produção, incluindo a logística", avança, acrescentando que "é muito difícil entrar na economia do conhecimento e adaptar-se aos efeitos da revolução tecnológica [...] quando temos um código do trabalho caracterizado por uma rigidez inadequada às mutações económicas e sociais que atravessamos". "A revolução tecnológica pressiona as formas de trabalho, período e horários, modelos de remuneração, mobilidade dos percursos profissionais e vínculos contratuais; e assistimos à reversão dos tímidos avanços ocorridos na flexibilização", alerta.

José Eduardo Carvalho considera que essas "reversões que têm ocorrido em matérias de organização do trabalho, prazos e custos de indemnização, horários e a introdução ou tentativa de introdução de normas, a coberto de avanços e novos valores civilizacionais (autobaixas; e direito de desligar) não têm ajudado a economia nacional".

"Reflexão" sobre PRR

Na opinião do presidente da AIP, faz falta definir uma política industrial que responda a falhas do mercado no lado da oferta e aposte na inovação, financiamento e introdução de tecnologias digitais nas empresas. Assim como é necessária uma "profunda reflexão" sobre os processos de capitalização dinamizados pelo Plano de Recuperação e Resiliência. "Existem 11 operações concretizadas porque todas as sociedades gestoras andam à procura de um perfil de operação e de empresas que não necessitam de abrir capital, e as que necessitam não se enquadram nesse perfil", diz, concluindo que "o programa Consolidar tem de ser redesenhado". Mas não só: o Banco de Fomento "deve centrar-se em financiar investimento com maturidade elevada, na internacionalização das empresas e em fusões e aquisições". Para José Eduardo Carvalho, "não faz sentido esvaziar a intervenção e o papel das sociedades de garantia mútua", que foram "o instrumento de política pública mais bem sucedido nos últimos 20 anos".

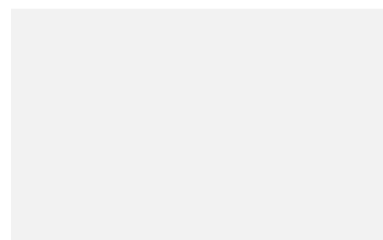
O setor industrial contribuiu com três quartos dos "lay-off" ocorridos em 2023 e com a maior parte dos 431 despedimentos coletivos. "Há setores fundamentais que têm uma evolução negativa na sua tesouraria líquida, deterioração das margens de negócio e incapacidade de cumprir obrigações de dívidas bancárias contraídas na pandemia. E a análise das medidas para enfrentar esta situação tem de ser encarada", remata.

Obrigado por apoiar o nosso jornalismo.

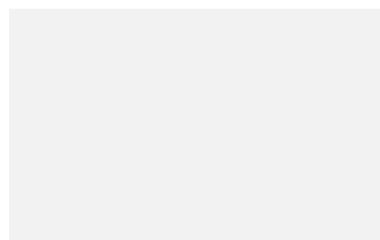
No Negócios temos como missão disponibilizar informação económica fiável, atual e relevante. E se a batalha pela relevância é uma responsabilidade que nos cabe, no novo enquadramento do setor a capacidade de continuarmos a desempenhar o nosso papel depende cada vez mais do investimento do leitor. Agradecemos a sua confiança. Vamos continuar a trabalhar para a merecer.

BOOST
SOLUTIONS

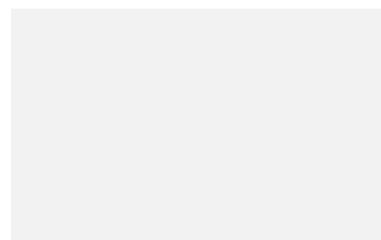
#IMPULSIONAR



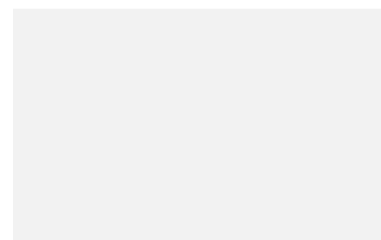
Media Trends: What's Next?



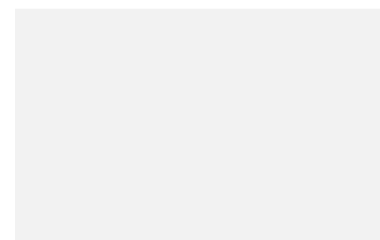
Maverick Spirit



Prémio Fidelidade Comunidade



30 anos a crescermos juntos



Vida Sustentável by Grupo Ageas Portugal

C·STUDIO